

Os Elementos do porta-fólio no estágio da intervenção

Elisa Gavari Lisi *

Resumo

O Estágio Curricular Supervisionado é uma disciplina muito inovadora que obteve um maior peso específico nos planos de estudo esquematizados pelo Plano de Bolonha , com o objetivo de atingir uma maior profissionalização dos estudantes universitários. O esquema da disciplina é complexo e muito necessário porque nem os docentes nem os alunos estão acostumados a participar de uma nova metodologia de ensino e aprendizagem centrada no desenvolvimento de competências cuja avaliação é realizada através de Porta-fólio¹. Este artigo, resultado de minha experiência docente nesta disciplina durante seis anos na Faculdade Nacional de Educação a Distância, oferece a revisão de algumas questões acerca dos objetivos e produtos que integram o Porta-fólio do Estágio Curricular de intervenção. No texto é apresentado o Porta-fólio e em particular são explicados os objetivos da disciplina; o plano de formação em práticas em todas suas dimensões; a estratégia de intervenção a esquematizar e o diário. O primeiro produto que se ergue como núcleo das práticas é o Plano de formação em práticas que devem guiar todo o processo de aprendizagem e marcar como se integrará a aprendizagem teórica com a parte prática. Para isto é necessário revisar os conhecimentos; as habilidades e as atitudes ou comportamentos partindo da perspectiva do desenvolvimento de competências discentes.

A partir desse momento, no diário será feito o registro de aspectos específicos que constituem as chaves da estratégia de intervenção que está sendo executada. Todos estes elementos estão interconectados entre si e constituem a garantia de que está sendo executado um trabalho teórico-prático de qualidade sobre objetivos a ser atingidos. Neste sentido o currículo do aluno não se registra em um manual que se

* Doutora em Filosofia e Educação; Professora no Departamento de História da Educação e Educação Comparada na UNED, Madri. *E-mail:* egavari@edu.uned.es

¹ Portfólio ou portefólio é uma lista de trabalhos profissional ou empresarial; coleção de todo o trabalho em andamento na organização relacionado com o alcance dos objetivos do mesmo.

memoriza, mas se transforma no autor fundamental do currículo guiado sob as diretrizes do professor e do supervisor das práticas.

Palavras-chave: Estágio Curricular Supervisionado. Competências. Meta-cognição. Sociedade do conhecimento. Política educativa europeia. Porta-fólio. Diário.

The portfolio elements in the intervention stage

Abstract

The Practicum subject is very new and under the study plans implemented since the Bolonia Declaration has a more relevant role. The design of this subject is complex and very necessary as neither teachers nor students are familiar with the new teaching-learning methodology based on skills through the Portfolio. This article written from my six years experience teaching this subject at the Spanish National Distance University (UNED) focuses on the review of the different elements and products that the student gathers in the Portfolio in the intervention Practicum. In first place some considerations concerning the Portfolio are included. Then some nuclear elements of the Portfolio are explained: in particular the subject objectives, Plan in all dimensions, the diary; and the intervention strategy. It is necessary to revise the knowledge, abilities and attitudes from the prospective of the student skills. The diary gathers information of the specific aspects concerning the intervention strategy applied. All these elements are well linked and constitute the guarantee the quality and that the theoretical-practical work is well developed. In this way the curriculum is not in a book that the student has to learn by heart. The student becomes the author of the curriculum guided by the teachers and practices supervisors.

Keywords: Practicum. Skills. Metacognition. Knowledge society. European education policy. Portfolio. Diary.

Los elementos del portafolios en el practicum de intervención

Resumen

El diseño de la asignatura es complejo y muy necesario porque ni los docentes ni los alumnos están acostumbrados a incorporarse a una nueva metodología de enseñanza y aprendizaje centrada en el desarrollo de competencias cuya evaluación se realiza a

través del Portafolios. Este artículo fruto de mi experiencia docente de esta materia durante seis años en la Universidad Nacional de Educación a Distancia ofrece la revisión de algunas cuestiones acerca de los objetivos y productos que se reúnen en el Portafolios del Practicum de intervención. En el texto se presenta el Portafolios y en particular se explican los objetivos de la asignatura a conseguir; el plan de formación en prácticas en todas sus dimensiones; la estrategia de intervención a diseñar; y el diario. El primer producto que se erige como núcleo de las prácticas es el Plan de formación en prácticas que debe guiar todo el proceso de aprendizaje y marcar cómo se va a integrar el aprendizaje teórico con el práctico. Para esto es necesario revisar los conocimientos; las habilidades; y las actitudes desde la perspectiva del desarrollo de competencias discentes. A partir de ahí en el diario se recogerán aspectos específicos que constituyen las claves de la estrategia de intervención que se está llevando a cabo. Todos estos elementos están interconexionados entre sí y constituyen la garantía de que se está realizando un trabajo teórico-práctico de calidad sobre unos objetivos a conseguir. En este sentido el currículum del alumno no se recoge en un manual que se memoriza sino que se convierte en el autor fundamental del currículum guiado bajo las directrices del profesor y del supervisor de las prácticas.

Palabras clave: Practicum. Competencias. Metacognición. Sociedad del conocimiento. Política educativa europea. Portafolios. Diario.

O porta-fólio no estágio de intervenção

Os Porta-fólios chegam ao sistema universitário espanhol pelas mudanças metodológicas no ensino e aprendizagem que se vislumbra desde a década de noventa. À aparição de novos bacharelados universitários, como o de Educação Social, deve-se acrescentar as mudanças no currículo universitário como introdução de aspectos profissionalizantes de tal forma que os estudos universitários preparem os alunos para a sociedade do conhecimento.

O Porta-fólio como instrumento de avaliação de competências chegou ao sistema educativo espanhol e foi incorporado no Estágio Curricular Supervisionado como uma disciplina inovadora marcada por seu caráter teórico-prático. Este instrumento de avaliação se revelou muito adequado, já que seu uso obriga o aluno a avaliar a prática educativa como experiência dialógica e como formação integral que possibilita o

desenvolvimento de competências comunicativas, cognitivas, sócio-afetivas e ético-morais. Além disso, permite-lhe explorar diferentes possibilidades de auto-reflexão acerca das fortalezas, fraquezas, progresso, e sucesso do aluno ao longo de suas práticas. O aluno desenvolve habilidades de comunicação escrita através dos produtos dos Porta-fólios que elabora.

Além disto, acrescenta-se que o Porta-fólio é uma ferramenta que permite valorizar, auto-avaliar e avaliar tanto processos quanto resultados da aprendizagem dos estudantes. Ao demonstrar seu trabalho, o estudante não só provê informação acerca da qualidade e qualidades de seu trabalho, mas também materializa a evidência de seu progresso. A avaliação do Porta-fólio é um processo permanente que permite um re-esquema, uma reelaboração e reavaliação.

Os Porta-fólios, de certa forma, são mediadores que abrangem processos pessoais conscientes que transformam o funcionamento e os esquemas mentais, promovem processos de autonomia cognitiva, e desenvolvem mudanças de ordem valorativa e social. Em síntese, o uso de Porta-fólios para os profissionais da educação desenvolve (VAVRUS; COLLINS, 1991): habilidades de alto nível (resolução de problemas, análise, síntese, avaliação, criatividade); auto-avaliação e crítica do próprio trabalho, experiências de ensino e aprendizagem; compreensão dos próprios processos de aprendizagem; autorregulação e autodirecionamento na própria aprendizagem; reflexão através da estimação das próprias crenças e conceitos; melhora da identidade e habilidades profissionais; crescimento e compromisso que implica; controle pessoal (responsabilidade e assimilação do Trabalho); compreensão e domínio do próprio esforço e sucessos (importante para os alunos adultos); comportamento profissional adequado através da aprendizagem contínua e dos modelos de funções.

Os objetivos e produtos do estágio de intervenção

A equipe docente do Estágio correspondente é a que decide os produtos que devem ser elaborados pelos alunos. No caso do Estágio de Pedagogia da UNED são estabelecidos os seguintes objetivos (GAVARI, 2007):

FIM DO ESTÁGIO		
- Deliberar sobre a participação e colaboração acerca da intervenção e contrapô-lo com os conhecimentos teóricos; - Conhecer em profundidade a metodologia da intervenção para resolver problemas se ajustando às características específicas e às necessidades; - Refletir acerca da dimensão teórica e prática sobre a intervenção da qualidade de aluno em práticas (avaliar a própria intervenção e nos avaliar em relação a outros profissionais).		
OBJETIVOS DO PLANO DE FORMAÇÃO EM PRÁTICAS		
OBJETIVOS GERAIS		
- o conhecimento a partir da intervenção dos fatores, variáveis e condições que definem um âmbito da intervenção; familiarizar-se desde o ponto de vista teórico e prático com os elementos técnicos dos distintos projetos; - exercitar-se no esquema, o desenvolvimento e a avaliação do projeto ou estratégia de intervenção - analisar todos os elementos de um projeto de intervenção; - incorporar novas técnicas de trabalho sobre a intervenção individual e o trabalho em equipe do ponto de vista teórico e prático; - melhorar o auto-conhecimento das habilidades para a intervenção; - estimular a compreensão e análise das estratégias e análise de intervenção entre educador e educando. - conhecer as dificuldades e vantagens do trabalho em equipe do ponto de vista teórico e prático.		
FASES DO PLANO DE FORMAÇÃO EM PRÁTICAS		
OBJETIVOS ESPECÍFICOS		
Esquema do plano de formação em práticas.	Desenvolvimento do plano de formação em práticas.	Avaliação do plano de formação em práticas.
- conhecer as dificuldades e decisões implicadas nas resoluções definidas sobre o esquema, desenvolvimento e avaliação de um projeto de intervenção ou estratégia de intervenção; - realizar o autodiagnóstico das necessidades pessoais e profissionais da formação partindo das competências de ser, saber fazer e fazer;	- conhecer os problemas e decisões implicadas na tomada de decisões sobre o uso da metodologia da intervenção; - aplicação das distintas técnicas e instrumentos de avaliação;	- identificar as funções e tarefas próprias do profissional da educação a respeito dos outros profissionais; estimular o desenvolvimento da compreensão de todos os agentes que participam da intervenção na sua complexidade.
OBJETIVOS OPERATIVOS, TAREFAS E PRODUTOS.		
- analisar o projeto ou estratégia de intervenção criada pelo aluno a partir de três planos: o relacional-emocional; trabalho em equipe, intervenção técnica; - elaborar um Plano de formação em práticas, o diário, o relatório e o Porta-fólio; - fazer esquemas de mecanismos de coleta da informação;		

(continuação)

(continuação)

- avaliar a pertinência, viabilidade e eficácia do projeto;
- melhorar as técnicas da comunicação escrita;
- analisar e avaliar a aprendizagem e o ensino adquiridos (ser, fazer, saber fazer);
- avaliar os resultados do projeto ou estratégia de intervenção e os do plano de formação em práticas elaborado pelo aluno;
- realizar a análise do conteúdo do diário;
- realizar o contraste entre o planejado e o aprendido;
- valorar pessoalmente a experiência;
- realizar uma meta-avaliação de todo o processo de formação;
 - indicar propostas de melhora.

Os produtos elaborados pelo aluno e que devem ser apresentados dentro do Porta-fólio no Estágio Curricular Supervisionado de intervenção são os seguintes: o Plano de Formação em Práticas, o diário, a estratégia de intervenção e o relatório. Estes produtos que formam o Porta-fólio podem variar de acordo com os critérios da equipe docente ainda que os critérios que regem um bom Porta-fólio sejam sempre os mesmos. Todos estes documentos devem ser coerentes.

O Plano de formação em Práticas

O Plano de Práticas constitui o ponto de partida do trabalho a ser realizado pelo aluno. Este documento de elaboração, complexo para o aluno neófito, integra três elementos: os objetivos da matéria para cada um dos níveis, a oferta da prática a partir do centro, as expectativas do aluno e o acordo sobre as tarefas que serão desenvolvidas no centro. O Plano de Práticas registra as assinaturas do docente universitário, do orientador de práticas e do aluno.

O Plano de Formação de Práticas cumpre cinco objetivos fundamentais (GAVARI, 2007): registra as intenções do aluno, servindo como instrumento para motivá-lo; é uma espécie de guia que registra e orienta as tarefas que o aluno realizará, tanto ao próprio quanto ao professor e ao docente universitário; é uma garantia, espécie de contrato de que no centro onde o aluno realizará as práticas, lhe será permitido realizar as tarefas que forem consensuais. Logo, é uma garantia para o centro que estabelece as tarefas que o aluno se compromete a realizar ao longo de suas práticas e permite a avaliação contínua e final.

O Plano de práticas permitirá o contraste entre o programado e o realizado. Este documento não se abandona nunca, de tal forma que se algum agente, ou alguma situação, impede ou dificulta o sucesso de algo ou favorece outra atuação, o aluno será capaz de estabelecer modificações que não alterem as metas gerais, mas que suponham uma melhora do Plano, um melhor aproveitamento dos condicionantes ou recursos de que dispõe. É um documento básico para a conclusão do relatório.

O Plano de formação em Práticas inclui dois tipos de aprendizagem. O primeiro se refere à formação do aluno em práticas a respeito das competências discentes agrupadas em três blocos (saber, saber fazer, saber estar). O segundo é a formação do aluno a respeito da intervenção técnica, em particular, a respeito das dificuldades para esboço, execução e avaliação de um projeto de intervenção educativa ou de estratégia de intervenção. A respeito do primeiro tipo de aprendizagem pode-se afirmar que o aluno deve esquematizar a aprendizagem do mínimo de três dimensões das competências discentes a serem desenvolvidas através das práticas (TRILLO, 2004):

- 1) Os conhecimentos que se referem ao saber (ao domínio enquanto entendimento e compreensão do conhecimento próprio de um campo, cientificamente validado e historicamente acumulado). Neste seção interessam os conceitos, fatos e princípios;
- 2) As habilidades que se referem ao saber fazer (certo domínio enquanto à realização e desenvolvimento de determinadas destrezas cognitivas e motrizes, que permite decidir a quem as utiliza sobre o que é requerido num dado momento e como deve realizá-lo). Neste apartado nos referimos às destrezas, habilidades e procedimentos.
- 3) As atitudes que se referem ao saber estar, inclusive saber ser, o que inclui também saber sentir (em definitiva, a certo domínio no que concerne às relaciones interpessoais, à inserção social conforme a certos princípios éticos e, também ao equilíbrio emocional) (TRILLO, 2004). Nesta seção nos referimos aos valores, atitudes, normas, comportamentos [...].

O plano de formação em práticas do aluno é um conceito amplo. A seguir é apresentado um plano das questões que poderiam ser abordadas no Plano de Formação em práticas e que o podemos sintetizar em três grandes blocos (GAVARI, 2007):

A) Enquadramento Institucional: Formação em Competências Discentes

O aluno faz uma primeira revisão e descoberta de suas necessidades de formação como aluno em práticas com o objetivo de que irá aperfeiçoando as habilidades que já possui assim como também irá desenvolver destrezas e competências que ele acredita que deveria desenvolver. A lista de questões é infinita, de forma que como guia se aportam neste espaço algumas sugestões (GAVARI, 2007):

Primeiro bloco de questões sobre ser:

Análise do sistema de valores (valores, valorações, interesses...): Quem sou eu? A análise intra-psíquica ou da própria personalidade do estudante, dos mecanismos internalizados como próprios de reagir ante diversas situações etc [...]; Quais são os valores que me identificam; Com quais profissionais me identifico? Que habilidades têm? Qual é a área da intervenção que me interessa? Que é o que já sei? Que quero conhecer do âmbito da intervenção? Que sei fazer? Que quero ser capaz de fazer?

Segundo bloco de questões sobre o saber:

Quais são minhas teorias educativas?; Quais são os princípios educativos que devem conduzir minha atuação?; Qual é a informação que necessito? Qual informação seleciono?; Que tipo de conhecimento é necessário para poder intervir nesse âmbito? Que tipo de conhecimentos pesquisei sobre a intervenção nesse âmbito? Que tipo de documentos usarei como guia de meu projeto de formação em práticas? [...]

Terceiro bloco de questões sobre saber estar:

Quais são minhas habilidades? Que habilidades posso desenvolver? Quais habilidades gostaria de adquirir? [...]

Depois que o aluno identifica suas necessidades pessoais e profissionais de formação em práticas pode priorizá-las, selecioná-las e esquematizar uma estratégia de desenvolvimento pessoal e profissional. Isto lhe permite conhecer aonde ele quer chegar, quais aspectos de sua pessoa são possíveis de melhorar e que conhecimentos profissionais necessita desenvolver no marco da aprendizagem permanente.

B) Formação em Intervenção Técnica

O aluno deve adquirir e aplicar certos conhecimentos e técnicas sobre a intervenção. Uma vez que revisou a literatura do âmbito de práticas ao qual se incorpora e consulta com os colegas do centro de práticas já está em condiciones de esboçar o projeto de intervenção ou estratégia de intervenção, a partir das necessidades educativas. Para tal tarefa é importante que negocie com os responsáveis do centro de práticas sendo humilde e respeitoso com os outros profissionais. O essencial é que embora participe num projeto de intervenção

individual ou parte de um projeto em equipe, o aluno deve fazer um aporte pessoal que seja genuíno e original.

C) Pautas para o Esquema da Estratégia de Intervenção ou Projeto de Intervenção

Sugerem-se estas pautas no esquema, mas pode-se acrescentar ou eliminar o que se considere adequado.

Contextualização: enquadramento pessoal e institucional

Teorias educativas

Definição do problema que se pretende resolver ou mudanças que se querem introduzir

Objetivos

Cronograma (auto-orientação, orientação, inter-pares, orientação universitária, trabalho em casa [...])

Metodologia:

Recursos: justificativa educativa

Tarefas:

Atividades:

Avaliação:

Estratégia de Intervenção

Esquema da estratégia da intervenção

Elaborar um roteiro para a estratégia de intervenção elaborada pelo aluno é uma tarefa certamente complexa. O que se apresenta aqui são questões básicas que deveriam ser abordadas embora cada aluno deva ajustar o esquema ou esboço à realidade educativa à qual será aplicada. Algumas perguntas que podem guiar o esquema da estratégia de intervenção referem-se a:

Sobre que tema ou assunto eu quero trabalhar? Objeto.

- Análise da Informação recolhida, referentes relacionados com o problema. Definição do problema a ser resolvido. Título claro e breve;
- Conceitualização: clareza de conceitos, conteúdos e relações em torno da problemática na que participamos;
- Delimitar e definir a intervenção de outros profissionais se for o caso;
- Vincular a informação obtida com as demandas apresentadas pelos usuários;
- Estabelecer uma estratégia de ação adequada e pertinente;

- Esquematizar a ação a ser executada (objetivos, metodologia, atuações, atividades, cronograma, recursos etc.)

Objetivos

Como atingir o proposto?

Incluem-se vários aspectos e elementos que ordenam a atuação

Nível de intervenção, em equipe [...];

Núcleo de ação: considerado como a unidade básica na qual se faz a intervenção e onde surgem ou agrupam as necessidades e problemas a tratar;

Escolha da metodologia (bases teóricas e conceituais, técnicas e funções operativas [...]);

Enumerar atividades e tarefas para atingir os objetivos;

Técnicas e instrumentos, como procedimentos de ação sistematizados e como suporte para a execução das atividades;

Recursos para a realização efetiva da intervenção: se devem conhecer os recursos existentes e disponíveis.

Execução da estratégia de intervenção

A execução da estratégia de intervenção é um momento chave porque se colocam a prova os conhecimentos com relação à identificação de um problema. Esta segunda etapa centrada na estratégia está guiada pelo planejamento, mas não acaba nesta, pois a realidade da ação supera o planejado. Esta segunda etapa constitui um momento chave colocando em jogo a capacidade para vincular os conhecimentos teóricos e a prática. O núcleo desta etapa reside na posta em marcha da estratégia de intervenção tentando superar as situações problemáticas, conflitos, obstáculos, inconvenientes e imprevistos que aparecem no desenvolvimento da mesma. Requer e exige a tomada de decisões instantâneas acerca do que deve ser feito, assim como de conhecimento prático e experiência na ação. A execução poderia ser realizada através de várias vias, sendo que existem vários meios e formas de cumprimento. A dificuldade está na concretização das atividades, levando em conta etapas, tempo e relação íntima com os objetivos observando sua realização. A execução consiste na concretização de

atividades, considerando etapas e tempo. Nesta etapa podemos analisar o problema objeto da intervenção e as atividades em função do logro das mudanças previstas.

O projeto ou estratégia de intervenção deve estar em consonância com o Plano e Programas do centro de práticas. A ação da intervenção deliberada é guiada pelo planejamento. A ação exige decisões instantâneas acerca do que deve ser feito, assim como o raciocínio prático. Em última instância, as ações esquematizadas devem contribuir com os fins educativos do centro de práticas ou recursos. De igual modo, a execução deve permitir a complementaridade e interdependência na execução, prioridade e efeitos da ação recíproca entre uma atividade e outra. Em síntese, a execução é uma etapa estratégica de ação que dá sentido a todas as etapas anteriores.

Avaliação da estratégia de intervenção

O núcleo desta avaliação reside na valorização crítica das intervenções realizadas, tomando como referência o planejamento e execução da estratégia de intervenção. É uma etapa eminentemente reflexiva na qual o aluno esboça algumas questões como, por exemplo, O quê efetivamente se fez? O quê foi atingido? Foram atingidos os objetivos e as metas?

A reflexão pretende encontrar o sentido dos processos, os problemas e as limitações da ação. Permite estudar as questões e as circunstâncias em que surgem. A reflexão tem um aspecto valorativo sobre os efeitos e os meios para continuar.

A avaliação deve ser feita mediante um processo, no qual se desenvolve uma sucessão de fases de forma ordenada e um conjunto de operações sistemáticas para obter um conhecimento determinado da situação atendido e o processo de intervenção realizado, imprimindo rigor científico à intervenção. Ander- Egg (1982, 213-281) discute que a avaliação de tarefas está configurada num processo, numa série de passos a ser dados de forma sistemática e organizada com o objetivo de obter um resultado. Distingue as seguintes fases gerais no processo de avaliação:

- ✓ Determinação dos objetivos da avaliação: para quê se faz e para quem se faz;
- ✓ Formulação do marco referencial: situação de partida e situação de chegada;
- ✓ Determinação das áreas de avaliação;
- ✓ Explicação dos problemas práticos que comporta a tarefa avaliativa;
- ✓ Determinação de instrumentos e técnicas a ser utilizadas;
- ✓ Determinação de recursos;

- ✓ Implementação da avaliação;
- ✓ Compilação da informação;
- ✓ Análise de resultados;
- ✓ Formulação de conclusões e discussão dos resultados;
- ✓ Adoção de decisões; aplicação das medidas no processo.

O CELATS (1989, p. 257-266) conceitualiza a avaliação, como uma operação contínua, sistemática, flexível e funcional, que ao se integrar ao processo de intervenção, aponta em que medida se responde aos problemas sobre os quais intervêm e se realizam os objetivos e metas; descrevendo e analisando as formas de trabalho, os métodos e técnicas utilizados e as causas principais de sucessos e fracassos. Através da avaliação se pretende determinar: que mudanças se devem buscar e por que; como e em que medida se produzem as mudanças desejadas; grau em que se atingem os objetivos propostos; necessidade de modificar as ações propostas e em curso; e os instrumentos e recursos utilizados; eficácia do próprio programa e a forma em que deverá ser modificado no futuro.

As características principais do processo de avaliação segundo o CELATS se definem a partir de perguntas tais como: para que avaliar? o quê avaliar? quando avaliar? quem avaliar? e, como avaliar? A resposta para cada uma destas perguntas procura que a avaliação seja pensada como procedimento sistemático, tecnicamente diagramado e operativo para a prática profissional.

O diário de intervenção

No Estágio Curricular de intervenção o núcleo da disciplina é a intervenção e o eixo fundamental são as intenções, processos e desenvolvimento acerca de um projeto de formação em práticas no qual se inclui necessariamente uma estratégia de intervenção. Desde esta perspectiva nos interessa que o diário registre tudo o que for relevante acerca das atividades e as valorações sobre a intervenção de um ponto subjetivo-pessoal e técnico. A riqueza do diário do Estágio Curricular de intervenção reside em que, consoante com o Plano de Formação em práticas se recolha tanto o objetivo-descritivo como o reflexivo-pessoal (ZABALZA, 2004). É importante que esta colheita de informação se realize de forma sistemática para permitir compreender a leitura diacrônica e compreender a evolução dos fatos.

O diário de intervenção pode servir ao Projeto de formação em prática, ao de intervenção ou a ambos; mas qualquer das três escolhas deverá ter sua justificação. O que não deveria acontecer é ficar sem seguimento nem registro nos dois aspectos. O diário resulta útil porque impõe uma disciplina que implica deter-se diariamente para pensar acerca do que se está fazendo no projeto, se obrigar a refletir e a recompor suas idéias para registrá-las.

No desenvolvimento do Estágio Curricular devem considerar-se duas coisas, por um lado o que realmente virá -o que vai acontecendo- e por outro o registro do que se deseja. O registro, a diferença da realidade, passa pela pessoa que é a que filtra, seleciona e manipula esta informação, pelo que esta atividade não deve ser inconsciente.

A descrição objetiva dos fatos não é nada fácil, no começo, mas pouco a pouco quando se vai conhecendo mais em profundidade a área na que se participa ou se faz a intervenção, a análise objetiva é mais fácil. ROCKWELL (1988) afirma "a toda descrição lhe antecede uma conceitualização, algum nível de interpretação". Neste sentido devemos ser capazes de identificar nossas pré-noções ou preocupações.

GARCÍA HERRERA (1998) aponta alguns critérios que podemos aplicar às primeiras versões dos registros, para a recuperação da prática educativa:

- 1- Descrevem e não avaliam ou interpretam?
- 2- Que tipo de ações resgatam - diálogos, ações?
- 3- Constituem um retrato do evento?

Assim como no desenho do plano de formação em práticas, o desenho do seguimento da intervenção deve colher diferentes elementos:

- Anotações e reflexões sobre a mudança na utilização da linguagem e sobre o desenvolvimento de um discurso mais coerente acerca da problemática que está estudando; anotações e reflexões acerca das mudanças nas atividades em seu marco de ação, e o surgimento de práticas educativas descritas e justificadas de modo coerente; anotações e reflexões acerca das mudanças nas relaciones sociais entre as pessoas integradas; anotações e reflexões acerca das mudanças nas atividades no seu marco de ação; definir quantos procedimentos de registro serão utilizados; justificar os suportes para cada procedimento; o ordem / a seqüência / flexibilidade do trabalho técnico de registro; a procura da forma em que daremos conta de imprevistos; o papel da equipe: é importante para o planejamento do trabalho, dado quando se trabalha em grupo deve existir certa coordenação, as diferentes perspectivas devem ser ajustadas.

Conclusões

O Estágio Curricular se incorporou no plano de estudos com um peso específico enorme e esta tendência está cada vez mais consolidada no marco do Espaço Europeu. O desenho do Estágio Curricular assim como dos elementos que o conformam é uma tarefa complexa, pois exige definir objetivos que devem de ser conseguidos mediante o empenho tanto do aluno, quanto do docente e o supervisor de práticas.

Neste artigo se apresenta os objetivos e produtos do Porta-fólio como forma de guia ou roteiro. É o aluno quem deve esforçar-se por ampliá-los e fazê-los próprios. Nesta matéria o orientador e o docente se mantêm como guias do trabalho do aluno, mas, o verdadeiro motor do trabalho é o aluno.

Referências

ANDER-EGG, E. *Metodología del trabajo social*. Alicante: Editorial Instituto de Ciencias Sociales Aplicadas, 1982.

CELATS. *La práctica del trabajador social: guía de análisis*. Lima: Perú, 1989.

GARCÍA HERRERA, A. Aprendiendo a recuperar la práctica docente. El entrenamiento en la elaboración de registros. *Revista de Educación y Cultura*, La Rioja, 1998. Disponível em: <<http://www.latarea.com.mx/articu/articu10/apgarc10.htm>>. Acesso em: 21 dez. 2010.

GAVARI, E. *Estrategias para la observación de la práctica educativa*. Madri: Ed. Ramón Areces, 2005.

GAVARI, E. *Estrategias para la intervención educativa: practicum*. Madri: Ed. Ramón Areces, 2007.

ROCKWELL, E. La práctica docente y la formación de maestros. *Investigación en la Escuela*, La Rioja, n. 4, p. 65-78, 1988.

TRILLO, F. Competencias discentes de carácter socioprofesional. In: MEDINA, A.; CACHEIRO, M. L. (Coord.). *Jornadas Universitarias sobre Competencias Socioprofesionales de las Titulaciones de Educación: atas....* Madri: UNED, 2004. 1 CD-ROM.

ZABALZA, M. *Diarios de clase: un instrumento de investigación y desarrollo profesional*. Madri: Narcea, 2004.

ZABALZA, M. (2004). *Diarios de clase: un instrumento de investigación y desarrollo profesional*. Madri: Narcea.

Recebido em: 1/10/2010

Aceito para publicação em: 19/11/2010